

36º Encontro Anual da ANPOCS

GT 21: Mídia, política e eleições

Título do Trabalho:

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL NA MÍDIA E NAS
ELEIÇÕES: NOVOS CONCEITOS, VELHOS PARADIGMAS

Mauro Meirelles

César Alessandro S. Figueiredo

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL NA MÍDIA E NAS ELEIÇÕES: NOVOS CONCEITOS, VELHOS PARADIGMAS

Mauro Meirelles*

César Alessandro S. Figueiredo**

RESUMO: O presente trabalho discute as mudanças observadas nas estratégias político-eleitorais do PC do B ao longo das últimas três décadas. Neste sentido, desafiamos a validade normativa dos conceitos de "cultura política em sua acepção clássica" e de "partidos catch all tributária aos scholars americanos" frente a realidade empírica brasileira. Propõe-se ainda, a adjetivação do primeiro em função de seus múltiplos acoplamentos a realidade local e global e busca-se pensar as mudanças de espectro ideológico observadas no âmbito de uma cultura de massas e de consumo de um ideário político de massas produzido para e pela mídia. No intuito de demonstrar nosso argumento, analisamos o desempenho eleitoral do PC do B em três estados do Brasil que se mostram como paradigmáticas dessa mudança, a saber: a eleição de Manuela D'Ávila no RS; a eleição de Netinho de Paula e Leci Brandão em SP e de Jandira Feghali no RJ; e, as campanhas e vitórias de Luciana Santos para a prefeitura de Olinda. Discute-se, por fim, o preço a ser pago pelo PC do B em função da adoção desse novo modelo de estruturação político-partidário menos ortodoxo e ligado a um modo de fazer política menos tradicional e mais midiático.

PALAVRAS CHAVES: PCdoB, eleições, mídia, candidatos.

INTRODUÇÃO

O PCdoB é o partido mais antigo do Brasil, no entanto em virtude de natureza política peculiar e de sua linha de ação passou maior parte de sua vida partidária na clandestinidade como à época do regime militar no Brasil. Deste modo, é somente a partir de 1985, com a legalização partidária, que o PCdoB volta a legalidade e passa disputar espaço nas eleições. Contudo, o caminho foi árduo, embora depois da abertura do regime e vivessem a aurora do processo de redemocratização partidária no Brasil pois, no plano inter e intra partidário

* Professor da Unilasalle. Doutor em Antropologia (PPGAS/UFRGS).

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

disputavam espaço político com outros partidos de esquerda, assim como, no plano externo, se fazia necessário a estes se reafirmar como marxista-leninista no crepúsculo da crise do socialismo e o debacle do leste europeu.

Isto posto, no presente artigo busca-se explorar o modo como se deu o processo de sedimentação partidária e ampliação política do PCdoB a luz dos novos condicionantes políticos que no contexto pós-ditatorial se fizeram presentes na cena política brasileira. Assim, dado o exposto, busca-se através de uma análise longitudinal das campanhas midiáticas do PCdoB desde a década de 80 até os anos 2000 entender como se deu esse processo de modo que, para isto, nos ocuparemos de uma análise comparativa das campanhas levadas a cabo pelos seguintes candidatos, a saber:

- 1) na região sul, a eleição de Manuela D'Ávila no Rio Grande do Sul;
- 2) na região sudeste, a eleição de Netinho de Paula e Leci Brandão em São Paulo, comparando-as com as campanhas de Jandira Feghali no Rio de Janeiro; e,
- 3) na região nordeste, as campanhas e vitórias de Luciana Santos para a prefeitura de Olinda, capital do estado de Pernambuco.

A fim de corroborar com o objeto proposto é importante, primeiramente, construirmos uma brevíssima contextualização histórica sobre a gênese e desenvolvimento do PCdoB, para entendermos por que este partido ficou tanto tempo na ilegalidade e voltou-se apenas nas últimas décadas para uma tentativa de construção partidária mais efetiva. Sendo que, a compreensão da gênese partidária torna-se de fundamental importância a fim de entendermos a influência do ethos marxista-leninista na seara partidária brasileira.

1. PCdoB - DA GÊNESE À ÚLTIMA CLANDESTINIDADE.

O surgimento do Partido Comunista do Brasil dá-se como reflexo das lutas surgidas no país no final do século XIX e início do século XX, principalmente entre grupos socialistas dispersos e elementos do anarco-sindicalismo, muito fortes no período. Também, é relevante destacar a força

motriz e a influência impulsionadora da Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, como exemplo para a consecução de um partido com caráter comunista na cena política brasileira, sendo este fundado em 1922. Primeiramente, torna-se relevante esclarecermos o seguinte: o partido nasce com o nome oficial de **Partido Comunista do Brasil** e utiliza-se institucionalmente deste nome ao longo do seu percurso, inclusive em eleições, utilizando-se da sigla **PCB**.

Desde o seu nascedouro o partido sofreu severas perseguições, tendo no imediato ao fim do Estado Novo, em 1945, um breve período de legalização partidária, tomando impulso e constituindo uma expressiva bancada de comunistas eleitos (CARONE, 1982; CHILCOTE, 1982). Porém, a política de legalidade do Partido Comunista do Brasil (PCB) não perdurou por muito tempo, uma vez que logo, este, voltaria a ser cassado, em 1947, entrando novamente na clandestinidade/ilegalidade.

No período subsequente, na clandestinidade/ilegalidade, este, começam a surgir no interior do mesmo as primeiras cisões e/ou divergências no seio do ideal comunista que norteava o partido até então. Talvez um dos pontos de partida, a partir do qual essas primeiras cisões possam ser observadas, seja o ano de 1956¹. No início da década de 60 essas fissuras se cristalizam, pois em virtude dos debates acerca das denúncias ocorridas, bem como das resoluções dos Congressos que se seguiram, ocorre o advento do V Congresso do Partido, realizado em 1960, onde, soma-se a estes fatos que se arrolaram ao longo dos anos 50 e início dos 60 outros fatores conjunturais e particulares da política brasileira que levam o Partido Comunista do Brasil a mudar seu nome para Partido Comunista Brasileiro, mantendo a sigla PCB.

Tal atitude fora, obviamente, duramente atacada pelo grupo de João Amazonas que decide manter e refundar o Partido Comunista do Brasil sendo que, na visão destes, não foi um racha, mas sim uma continuidade às políticas históricas que deveriam ser mantidas. Assim, além da manutenção do nome,

¹ Segundo SILVA (s/d) é com o anúncio dos crimes atribuídos a Stalin, por Kruchev que, se inicia no interior do comunismo e daqueles que compunham os Partidos Comunistas, um intenso e caloroso debate.

institucionalizaram-se politicamente a partir deste momento com a sigla PCdoB. (SILVA, s/d).

Na esperança que seu registro fosse aceito pelo Superior Tribunal Eleitoral, em 1960, mudam o seu histórico nome de Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro; e seus Estatutos são novamente modificados. A nova tática provoca acirrada crítica interna, grave cisão e a consequente formação do PCdoB., liderado por João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar e outros. (CARONE, 1982b, p. 2)

Do lado da cisão oponente, o PCdoB acusa de revisionismo e traição do partido e do legado original do marxismo-leninismo os que constituíram o PCB, estabelecendo-se uma luta entre os dois partidos. Oficialmente, em fevereiro de 1962, numa Conferência Nacional Extraordinária é reorganizado o Partido Comunista do Brasil. Porém, a tentativa de reorganização partidária esbarrou no golpe militar de 1964 no Brasil, que além de manter o PCdoB na mais absoluta clandestinidade, o perseguia, com o intuito de aniquilá-lo. Isto leva a que, o recém criado, PCdoB estabelecesse a seguinte linha tática-estratégica:

A concepção da guerra popular pressupõe intenso trabalho político e de organização entre as massas. Implica na necessidade de organizar as forças armadas do povo, a partir de pequenos núcleos de combatentes, no amplo emprego da **tática de guerrilhas e na criação de bases de apoio no campo**. Envolve a compreensão de que os camponeses pobres e os assalariados agrícolas constituem o grosso das forças armadas populares, que o cenário principal dos choques armados é o interior do país e que a luta será dura e prolongada². (Documentos Históricos PCdoB, 1966, grifo nosso).

Podemos depreender da análise acima que o PCdoB num primeiro momento lançou os seus esforços para a luta revolucionária, que ficou conhecida como a Guerrilha do Araguaia. Podemos dizer, também, que em um primeiro momento de luta organizativa o Araguaia tornou-se o centro da linha tática-estratégica do partido, pois no ano de 1966 começaram a chegar os primeiros militantes comunistas na região, a fim de organizarem a luta. Porém, no ano de 1972 o local é descoberto pelas forças armadas e, esta, corta a

² http://grabois.org.br/portal/cdm/noticia.php?id_sessao=49&id_noticia=119

comunicação do Comitê Central do Partido com a direção militar da guerrilha. Na região Centro-Norte do país, o PCdoB possuía três bases e contabilizava, nestas, em torno de 60 militantes. Contudo, apesar de possuírem um menor efetivo que as forças armadas, a guerrilha durou de 1972 a 1975, quando foi totalmente aniquilada pela repressão de modo que, foram poucos os militantes presos sobreviveram, fazendo com que, até hoje, a maioria daqueles que lá estiveram, ainda constem na listas de desaparecidos políticos oficiais do Brasil.

Embora tivesse sido derrotado no Araguaia, o PCdoB ainda contou com a incorporação dos militantes da Ação Popular (AP) ao partido caminho natural para os segundos uma vez que, a época, convergiam em termos de visões políticas³. Quanto ao PCdoB, este tornou-se beneficiário de um número considerável de militantes egressos da AP, o que representou um aumento no seu quadro de militantes, pois em face das rígidas condições de clandestinidade que o PCdoB estava vivendo, assim como as sucessivas baixas na Guerrilha do Araguaia, o partido estava reduzido a um número ínfimo de militantes como asseveram os estudos e pesquisas levados a cabo por Gorender (1987), Silva (s/d), Souza (2006, p. 43) e Sales (2000, p. 219).

Na segunda metade da década de 70 o PCdoB encontra-se fragilizado, com os seus principais dirigentes presos e/ou exilados, porém não aniquilado. Embora com dificuldade e contando com os egressos da AP consegue fazer parte das lutas do final dos anos 70, incorporando-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), através dos seus núcleos regionais, no combate à ditadura e na luta em favor da anistia política. Ainda, após as eleições de 1974, os comunistas do PCdoB lançam, em 1975, um “Manifesto aos Brasileiros”, em torno de três objetivos, que ficaram conhecidos como a política das três bandeiras, que eram as seguintes: 1) a anistia, ampla, geral e irrestrita; 2) a revogação de todos os atos e leis de exceção; e, 3) a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana (LIMA, 1985, p. 25), com o intuito de, entre outras razões, ampliar a sua tática partidária também na via institucional. Este manifesto, assim como a dupla militância no PCdoB

³ É pertinente lembrar que o PCdoB, neste período, primava por uma política maoísta de guerra popular prolongada, do campo para a cidade e que, igualmente a AP tinha uma forte vinculação e uma linha política maoísta.

(clandestina) e dentro do MDB (legal) darão a tônica do percurso deste partido no PMDB (sucedâneo do MDB) na década de 80, até finalmente eles conseguirem reconquistar a sua legalidade com a Nova República (FIGUEIREDO, 2009).

2. O MODELOS DE PARTIDO MARXISTA-LENINISTA

No tocante ao estudo sobre partidos comunistas, estes, assentam suas raízes nas concepções desenvolvidas por Marx e Lenin. No entanto, foi somente Lenin que soube capturar a teoria e transformá-la em ação prática no âmbito do desenvolvimento de uma ação partidária organizada, vêm daí, o nome que dá *corpus* a concepção marxista-leninista⁴ de colocar-se e atuar na política. Para efeitos deste artigo cumpre explicitar alguns condicionantes que formataram este modelo de partido, quais sejam: 1) organização de vanguarda; 2) centralismo democrático; e, 3) concepções de tática e estratégia.

Quanto ao primeiro item, de ser uma organização de vanguarda, este tipo de organização visava responder as demandas da organização operária russa dirigida por Lenin, em face da brutal perseguição da autocracia russa, sendo que Lenin no clássico *O que fazer?* definia o seguinte:

Um pequeno núcleo bem unido, composto pelos operários mais seguros, mais experientes e mais bem temperados, com delegados nos principais bairros, e em rigorosa ligação clandestina com a organização revolucionária poderá perfeitamente, com o mais amplo concurso da massa e sem nenhuma regulamentação, realizar todas as funções que competem a uma organização sindical e, além disso, realizá-las precisamente da maneira desejável para a social-democracia (LENIN, 1979, p. 163).

Torna-se pertinente destacar, que esta concepção de partido de vanguarda se cristalizará como um modelo partidário e será difundida aos demais partidos que adotarem a forma de marxismo-leninismo como

⁴ Segundo Florestan (1978, p. 22) “Sem ignorar que qualquer transformação política possui uma base econômica e social concreta, Lenin desvendou, mais que os outros pensadores marxistas, o grau de autonomia relativa do político e a intensificação dessa autonomia nos momentos de crise e de revolução. Com ele, o marxismo torna-se politicamente operacional, o que explica porque, depois dele, converte-se em marxismo-leninismo”.

instrumento de organização, principalmente, após a III Internacional⁵, entre essas, obviamente, o PCdoB. Além desta característica de partido de vanguarda organizada, também, tinha destaque o centralismo democrático, o qual, relaciona-se a um modelo de direção do mesmo, onde, de acordo com Gramsci:

A “organização” só pode ser a do centralismo democrático que é um “centralismo” em movimento, por assim dizer, isto é, uma contínua adequação da organização ao movimento real, um modelo de equilibrar os impulsos a partir de baixo com o comandado pelo alto, uma contínua inserção dos elementos que brotam do mais fundo da massa na sólida moldura do aparelho de direção, que assegura a continuidade e a acumulação regular das experiências: ele é “orgânico” porque leva em conta o movimento, que é o modo orgânico de revelação da realidade histórica, e não se enrijece mecanicamente na burocracia (...) nos partidos que representam grupos subalternos, o elemento da estabilidade é necessário para assegurar a hegemonia não a grupos privilegiados, mas aos elementos progressistas em relação às outras forças afins e aliadas, mas heterogêneas e oscilantes. (...) oferece uma fórmula elástica, que se presta a muitas encarnações: ela vive na medida em que é interpretada e adaptada continuamente às necessidades: ela consiste na pesquisa crítica do que é igual na aparente diversidade e, ao contrário, é diverso e até mesmo oposto na aparente uniformidade, para organizar e conectar o que é semelhante, mas de modo que a organização e a conexão surjam, como uma necessidade prática e “indutiva”, e não como resultado de um processo racionalista, dedutivo, abstrato, ou seja, próprio dos intelectuais puros (ou dos puros asnos). (...) ele requer uma unidade orgânica entre teoria e prática entre camadas intelectuais e massas populares, entre governantes e governados (GRAMSCI, 2007, p. 92).

Embora a obra de Lenin seja extremamente ampla e complexa, trazendo luz a realidade da Rússia no período czarista e após a Revolução de Outubro, devemos deixar claro que ela procurava responder ao curso da história, conjugando, assim a teoria com a prática e visando construir desta forma uma interpretação concernente com os ideais do partido bolchevique. Dando prosseguimento ao seu argumento teórico, após a revolução russa em 1920

⁵ Segundo Johnstone (1988, p. 13) “Diferentemente da Segunda Internacional, que tinha previsto e favorecido a formação em cada país de um único partido operário, que compreendesse todas as várias componentes socialistas, a Terceira Internacional – em suas vinte e uma condições para a admissão – insistia em uma completa ruptura com o reformismo e as políticas ‘centrista’, e com os dirigentes que com elas se identificassem (...). Os velhos programas social-democratas deviam ser substituídos por outros, mais especificamente comunistas”.

Lenin escreve *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1978), texto no qual trabalhará mais enfaticamente sobre a teoria da tática e da estratégia para os comunistas do mundo todo, de modo que, de acordo com o próprio Lenin:

Por tática de um partido entende-se a sua conduta política ou o caráter, a orientação e os métodos da sua atuação política. O congresso do partido adota resoluções táticas para definir de modo preciso a conduta política do partido no seu conjunto em relação com as novas tarefas ou em vista de uma nova situação política (LENIN, 1989, p.73).

Logo, ao dialogarmos com a teoria marxista-leninista de partido teríamos que conjugar estes três conceitos. O PCdoB, tributário desta práxis ao longo de sua trajetória desde a sua gênese, precisou conjugar estes elementos no seu *ethos* partidário. Soma-se a isto, ainda, a necessidade de, no fim da década de 80 e início dos anos 90, este, dadas as mudanças observadas no campo da esquerda brasileira, repensar sua atuação partidária a luz das críticas existentes ao modelo marxista-leninista de partido. O PCB, seu rival político fenece no início dos anos 90, não logrando manter-se enquanto organização comunista após a crise do socialismo. O PCdoB, por sua vez, reafirma-se com o marxismo-leninismo a partir do VIII Congresso (1992), logrando, uma rápida evolução partidária que leva ao seu amadurecimento político, segundo o exposto por Cora Chiappetta, dirigente local do partido no Rio Grande do Sul.

Isto posto, devemos ter claro como nos asseverou Cora em dialogo informal travado com esta no lançamento da campanha de umas de suas candidatas a vereador em Porto Alegre no ano de 2012 que, isto, de fato não representou um desapego da estratégia socialista, mas sim, uma amadurecimento tanto da tática do partido quanto do seu *ethos* partidário.

3. TEORIAS DE PARTIDO: NOVOS APORTES E LEITURAS

Acerca da institucionalização partidária no Brasil há duas correntes bem divergentes: 1) a que diz que o sistema partidário brasileiro é mal estruturado, com partidos fracos e pouca institucionalização; e, outra que, 2) baseada em

estudos recentes, demonstra que os partidos brasileiros apresentaram evolução do ponto de vista institucional. A respeito da primeira corrente, temos principalmente o estudo de Mainwaring, em seu livro, *Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil* (2001). Contrapondo a corrente de Mainwaring (2001), destaca-se nesta linha, os trabalhos de Figueiredo e Limongi (1999), sobre os estudos legislativos e a fidelidade partidária, demonstrando assim, entre outras coisas, a força das instituições partidárias brasileiras. No tocante a estudos recentes que contemplam e testam o grau de institucionalização partidária no Brasil, alguns pesquisadores trabalham como uma série de outros indicativos que buscam mostrar a importância dos partidos para a **seleção** interna de candidatos⁶, as **lealdades** partidárias⁷ e a **disciplina** nas votações⁸.

Ainda, Mainwaring em seu livro difere e pondera a respeito dos partidos de cath-all e os partidos de esquerda no tocante a caracterização sobre a fraqueza da institucionalização partidária. Sendo que, segundo o autor:

Em termos de organização (bem como ideologia), o PT, PPS e o PCdoB diferem do modelo cath-all. Os três são muito disciplinados no Congresso, contam com a firme lealdade dos seus parlamentares e têm fortes ligações com os sindicatos e movimentos sociais (...) O PT, o PCdoB e o PPS, diferem nitidamente dos partidos cath-all, procuram cultivar um compromisso ideológico entre os militantes e desenvolver organizações que sejam atuantes o tempo todo, não somente na época de eleições (IDEM, p. 211).

Isto posto, e que embora haja divergência entre as duas correntes, há um consenso aparente a respeito dos partidos de esquerda dando indicativos que mesmo havendo fraqueza do sistema partidário, os mesmos se caracterizam como partidos institucionalizados ou em vias de institucionalização. Quanto ao PT já há um consenso da literatura acerca do seu forte enraizamento social, lealdade e disciplina partidária dos seus parlamentares.

⁶ Ver Braga (2008).

⁷ Ver Marengo dos Santos (2001).

⁸ Ver Figueiredo & Limongi (1999).

No tocante ao PCdoB, tal análise fica um pouco difusa em virtude da pouca literatura sobre este partido na ciência política, contudo, destaca-se que este também apresenta forte disciplina nas votações e um alto grau de lealdade partidária (MAINWARING, 2001, p. 211). Assim, o que importa reter é que o PCdoB reforça justamente este grau de coesão partidária que permite, segundo a literatura partidária, caracterizá-lo como um partido diferenciado dos partidos catch-all. Deste modo, segundo Mainwaring (2001, p. 706), tem-se que

Os partidos catch-all geralmente admitem uma ampla diversidade de candidatos sem fazer exigências ideológicas ou organizacionais. Nos maiores partidos existe acirrada concorrência para entrar numa chapa até para cargos de menor expressão, mas de modo geral as pessoas famosas ou muito ricas são sempre aceitas independentemente de suas posições, se puderem trazer votos. Essa tendência em aceitar candidatos das mais diversas colorações ideológicas tem origem na legislação eleitoral, que incentiva os partidos a concorrer com muitos nomes. Mesmo que um candidato não seja muito cotado, sempre acrescenta alguns votos ao total do partido, de modo que contribua para aumento de número de cadeiras conquistadas pelo partido (p. 306).

Para efeitos deste artigo convém ainda ampliar o conceito com a literatura internacional que deu base para a discussão acerca dos partidos partido catch-all, entre esse, obviamente destaca-se Kirchheimer (1980), o qual caracteriza esse tipo de partido pela renúncia e flexibilização dos ideais políticos e morais em prol da obtenção do êxito político de modo que, a desideologização é a tônica deste tipo de partido. Ainda nesta direção, devemos dar destaque a tese do referido autor que defende que os partidos catch-all são uma evolução dos antigos partidos de massa, tão comuns na Europa depois da Segunda Guerra Mundial, com o intuito de maximizar os votos e compor coalizões eleitorais.

Nesse sentido, ao olharmos o caso do PCdoB, e em especial nas duas últimas décadas do século passado, percebemos que, este, apesar de manter suas características de partido marxista-leninista com vista a promoção da transformação socialista, na mídia, se esvaziou de seu *ethos* marxista em prol da busca dos votos de setores políticos menos radicais afeitos a posturas e ideais políticos mais flexíveis. É portanto, desse processo de flexibilização e do

modo como este partido se coloca na mídia em busca do legado da esquerda comunista para si que, aliado a sua nova imagem de um partido do amor e não das armas, se faz evidente na campanha de muitos de seus candidatos.

No que se refere a adjetivação oferecida pelo termo *mass-media* a noção clássica de partido, tem-se essa se ancora em pelo menos duas grandes vertentes teóricas que, no interior das ciências sociais, da sociologia e da ciência política possuem certa expressão. A primeira delas refere-se a noção de cultura política, esta, trazida para o campo da ciência por Almond e Verba (1967), quando em seus estudos se ocuparam da especificidade da cultura local como mote explicativo para as diferentes formas como comportamentos políticos que até então eram tidos no plano ideal como esperados, variavam em função da forma como diferentes instâncias socializadoras da sociedade incidiam na construção da noção de cidadania e de democracia através do compartilhamento de certo conjunto de normas, crenças e valores comuns a um dado grupo social. A segunda refere-se a ideia de consumo, de tornar algo negociável no mercado de bens simbólicos (BOURDIEU, 2005), seja enquanto discurso contingente (LACLAU & MOUFFE, 1985), seja enquanto produto a ser consumido (MEIRELLES, 2006).

É exemplar dessa segunda perspectiva, a segunda campanha de Luiz Inácio LULA da Silva como já discuti em outro lugar (MEIRELLES, 2006) em que, assessorado por Duda Mendonça, lançou a famosa campanha intitulada no meio político e publicitário como “Lulinha paz e amor”, onde, o vermelho do Partido dos Trabalhadores (PT) deu espaço ao azul e ao branco, denotando um viés menos agressivo. Bandeiras que até então coloriam de vermelho as ruas de nosso país, deram espaço a outras azuis. O céu estrelado, mimetizado com a bandeira nacional, fundo de grande parte dos materiais de campanha, aludia a essa mudança e deixava de lado o caráter combativo tão característico do Partido dos Trabalhadores.

Os discursos inflamados e a crítica aos oponentes, tão característica em eleições passadas, deram espaço a busca de um discurso político diferenciado, onde, a tônica residia, em se conquistar um maior número de eleitores através de um discurso e de proposições que possuíam amplo alcance. E assim, de

partido de esquerda, dos intelectuais e trabalhadores, o PT tornou-se, também, a partido dos setores médios da sociedade. De modo não muito diferente, também, nas eleições passadas para Prefeito de Porto Alegre, a candidata do PCdoB, seguiu caminho semelhante ao direcionar sua campanha ao segmento jovem com o até hoje muito citado jargão, característico do público jovem, “E ai, beleza?!”.

Tal identificação com esse público aliada a um conjunto de propostas políticas a esses destinados garantiram-lhe um significativo número de votos naquele pleito, contudo, também ficou evidente neste que, o limite de votos capazes de serem captados nesse segmento havia sido atingido. E, se a Prefeitura de Porto Alegre era o objetivo final a ser atingido em 2012, era necessário que, também, na esteira da flexibilização que dilatou os horizontes políticos do PT e permitiu a estes reeleger o “Lulinha paz e amor”, Manuela D’Ávila encontra-se caminho semelhante.

Mas, o PCdoB tinha um problema pois, Manuela ainda era muito nova, e enveredar-se pelo modelo de campanha utilizado por Dilma, de “Mãe do Brasil” em 2010, seria um claro tiro no pé. Também, já não era tão jovem como em 2008, e insistir no discurso jovem, tinha seus limites. Era preciso pensar em outra coisa, e a rebeldia juvenil e da esquerda, em clara correlação, já mostrará seus limites e fizera com que o “Lula Sindicalista, da camiseta vermelha ou amarela” rendesse aos encantos dele próprio, de seu terno azul e barba grisalha, sinal de experiência e amadurecimento, manifesto no “Lulinha Paz e Amor”. Era hora, também, de Manuela deixa de ser menina, mas não ainda hora de ser mãe. Era hora de falar de amor, de mostrar-se como menina-moça, de trazer seu namorado para a mídia, de centrar-se em outros valores e com isso conquistar espaço em outros segmentos sociais.

O amor, pensado em termos de um produto a ser consumido, é um bem simbólico que sempre se vendeu sozinho, que agregou valor a marcas e que sempre foi muito explorado no meio publicitário. Na literatura, é um dos temas que mais vende livros, através de histórias que falam de seus caminhos e descaminhos. Na música é tema recorrente nos mais diversos segmentos e embala as noites de sexta e sábado de um grande número de pessoas. No

cinema, através de comédias românticas ou da estória de amores impossíveis conquista bilheterias históricas, estando sempre, algum do gênero, premiado nos maiores festivais de cinema do mundo. Contudo, na política ele ainda não havia se feito presente e, é apostando nessa possibilidade, de conquistar um mercado eleitoral em potencial e ainda não explorado por outras candidaturas que Manuela D'Ávila, então candidata a Prefeita de Porto Alegre no pleito de 2012, lança sua campanha baseada no amor. Mas antes de centrarmos nossa análise na campanha de Manuela D'Ávila em Porto Alegre e naquilo que ela representa em termos de um novo modo de se fazer política, retomemos um pouco as táticas políticas e os resultados que, o PCdoB, obteve nas urnas.

4. O PCDOB DE 1985 AOS ANOS 2000: TÁTICA POLÍTICA E RESULTADOS NAS URNAS

Este período é de grande importância para o PCdoB, pois representou o início da vida legal do partido e, conseqüentemente, a tentativa de sucesso nas urnas⁹. No entanto, a despeito da tentativa do PCdoB de tornar-se o partido da classe operária, e ser reconhecido como tal, tinha que disputar o campo de esquerda com o PCB, MR-8 e, principalmente, o PT. Obviamente, que a estruturação partidária tardia acarretava ao PCdoB, assim como o PCB um descompasso perante a identificação partidária dos eleitores, dando margem de vantagem para o PT, pois este disputava eleições com chapa própria desde a primeira eleição da volta do multipartidarismo.

Ainda, devemos realçar como se processou as eleições do período: Em 1985 houve eleição para prefeitos, que o PCdoB, via de regra, apoiou os candidatos do PMDB. Em 1986, houve eleição para os cargos de Deputados Estaduais e Deputados Federais Constituintes e Governadores, nesta eleição o PCdoB aplicou a seguinte tática eleitoral: candidatos que tinham chance de se eleger pela sigla disputavam enquanto PCdoB, já em regiões onde não tinham densidade de voto disputavam dentro do PMDB, ainda utilizando-se da dupla militância.

⁹ Analisaremos a evolução do PCdoB nas urnas visando o seu desempenho na Câmara do Deputados e nos pleitos municipais, de modo a contemplar o perfil dos comunistas analisados.

Em 1988, houve a eleição para as prefeituras e, conseqüentemente, para vereadores. Nesta eleição o PCdoB começou a compor força com o PT, ou seja, fazer parte da mesma coalizão para disputar as eleições, reflexo do VII Congresso do PCdoB, realizado em maio de 1988. Com o redirecionamento tático, o PCdoB passa a compor o mesmo bloco de esquerda do PT, tanto no âmbito partidário de crítica aos rumos tomado pelo governo Sarney, quanto de aproximação no campo sindical, passando a compor a CUT. Isso, de certa forma, após sua saída de dentro do PMDB, ajudou-o, através do redirecionamento de forças no plano nacional, a reequilibrar-se, levando esse a afastar-se, cada vez mais de seu rival histórico, o PCB (PANDOLFI, 1995). Tal opção, de sair de dentro do PMDB trouxe-lhe um saldo bastante positivo: 15 vereadores eleitos nas principais capitais e 60 no conjunto do país (CARVALHO, 1988).

Quanto à emblemática eleição de 1989, o PCdoB, junto com o PT e outros partidos, compôs a Frente Brasil Popular. Nesta eleição, polariza-se, no segundo turno: Lula, pela Frente Brasil Popular e Fernando Collor, por um partido inexpressivo. Como resultado ganha Collor, era o início do Brasil do ideário neoliberal, que o PCdoB vai combater enfaticamente ao longo da década 90. Todavia, embora, o resultado da eleição de 1989 não tenha sido aquele que esperava a esquerda, esta, trouxe uma nova diretriz para as alianças que se realizariam nas duas décadas seguintes. Aliança essa, que ajudou o PT a conquistar grandes colégios eleitorais. Mas, o PCdoB, também, não ficou de fora e, na eleição de 1990, manteve seus 5 deputados federais eleitos¹⁰.

Dentre aqueles eleitos em 1990 destaca-se Jandira Feghali, a qual, representava uma parcela de militantes do PCdoB que começou a sua luta contra a ditadura militar, sob os cânones do marxismo-leninismo, ainda, ortodoxo do PCdoB na década de 80 e que continuaram na defesa desta bandeira de luta até mesmo depois da queda do muro de Berlim. No tocante a crise do leste europeu, podemos dizer que isto é um dos grandes fatos marcantes da década de noventa. Pois, o debacle do leste europeu não

¹⁰ A saber: Jandira Feghali (RJ); Haroldo Lima (BA); Edison Silva (RS); Aldo rabelo (SP) e Renildo Calheiros (PE).

representava simplesmente o fracasso de um sistema político, mas a crise do paradigma socialista, embora, conforme já realçado, o PCdoB fosse um feroz crítico da linha soviética.

Dito isto, tem-se que, apesar da crise do leste europeu ser uma realidade e a troca de papéis e os nomes de velhas siglas também, pode-se dizer que o PCdoB passou incólume por esse processo. No que se refere a conjuntura nacional, este, apenas se fortaleceu junto com outros partidos de esquerda ao longo dos anos 90, elegendo, nas eleições de 1992, 53 vereadores (13 capitais e 40 no interior¹¹). Nas eleições de 1994, a Frente Popular amplia-se e forma um grande arco de alianças: PT, PSB, PV, PPS, PCdoB e PSTU. Contudo, a esquerda ainda não consegue chegar ao poder e a coligação liderada por FHC vence o pleito, aprofundando, desta forma, o projeto neoliberal no Brasil. Contudo, o PCdoB granjeou bons resultados e elegeu nesta eleição 10 deputados federais¹², além de, junto com o PT conquistar o governo do Distrito Federal e do Espírito Santo.

As eleições de 1996 vieram sem maiores novidades no cenário e o PCdoB nestas eleições elegeu 73 vereadores em todo Brasil. Em 1998, FHC se reelege e o PT conquista o governo do estado do Rio Grande do Sul com Olívio Dutra, do Mato Grosso do Sul com José Orcírio Miranda dos Santos (o Zeca do PT) e do Acre com Jorge Viana. Já o PCdoB continua em ascensão e elege 11 deputados federais¹³. Nas eleições de 2000 o PCdoB reformula a sua tática, embora ainda atribuindo papel de aliado tático do PT e começa neste pleito a apresentar os primeiros nomes próprios para as candidaturas majoritárias as prefeituras.

Já nestas eleições o PCdoB começa a ter os seus primeiros prefeitos eleitos, para tanto lança 26 candidatos a prefeito e 46 a vice-prefeitos, sendo que consegue eleger somente a prefeita de Olinda, Luciana Santos, um grande

¹¹ Fonte: Classe Operária, 12 de Outubro de 1992, p. 9.

¹² A saber: Edison Silva (RS); Ricardo Gomide (PR); Aldo Arantes (GO); Jandira Feghali (RJ); Lindberg Farias (RJ); Socorro Gomes (PA); Aldo Rabelo (SP); Haroldo Lima (BA); Agenelo Queiroz (DF); Inácio Arruda (CE); e Sérgio Miranda (MG).

¹³ A saber: Agnelo Queiroz (DF); Aldo Arantes (GO); Aldo Rabelo (SP); Haroldo Lima (BA); Inácio Arruda (CE); Jandira Feghali (RJ); Javier Alfaya (BA); Sergio Miranda (MG); Socorro Gomes (PA); Tânia Soares (SE) e Vanessa Grazziotin (AM).

feito para o partido, justamente por ser uma cidade de porte médio, também, no tocante a bancada de veradores teve um acréscimo de 60%, sendo eleito 18 vereadores em 13 capitais¹⁴. Torna-se pertinente enfatizar que nesta eleição a correlação de forças nas grandes capitais deu ampla margem de vitória para a oposição, capitaneada pelo PT, inclusive a cidade de São Paulo, com a vitória de Marta Suplicy. Tais indicativos, segundo os analistas do PCdoB dariam uma real e efetiva chance de vitória de Lula no próximo pleito. Na eleição de 2002, novamente se polarizou o PT versus PSDB, capitaneando cada partido um grande arco DE coligações, a fim de disputar o pleito. Tivemos do lado do PSDB, na disputa presidencial, José Serra, e, no espectro do PT, Lula. A vitória no segundo turno das eleições foi para Lula, fazendo com que o PCdoB colhesse os louros da proximidade com o PT, foram eleitos, neste pleito, um total de 12 deputados federais¹⁵.

4.1. Anos Lula e Dilma e o caminho da sedimentação partidária.

A vitória de Lula para presidente do país representou para a esquerda a oportunidade barrar de vez o projeto neoliberal iniciado por Collor e concluído por FHC de modo que, as forças de esquerda precisavam por em prática a programa da coligação capitaneada pelo PT. No entanto, desde o início do governo Lula, os pecebistas se viram constantemente ameaçados, justamente em virtude da velha herança deixada por FHC que amarravam o projeto desenvolvimentista, assim como, as tentativas golpistas da mídia contra a máquina do PT. Ainda, nesta direção, devemos enfatizar que além dos deputados federais eleitos, também, o PCdoB conquistou a vaga de vice-governador do Piauí.

Na composição do governo Lula o PCdoB fica com o Ministério dos Esportes, sendo que Aldo Rebelo assume a liderança do governo na Câmara. Na eleição para a prefeitura em 2004, continua a ascensão do PCdoB elegendo

¹⁴ Fonte: Revista Princípios Nov/Dez/Jan 2001, nº59, p. 15.

¹⁵ A saber: Agnelo Queiroz (DF); Aldo Rebelo (SP); Alice Portugal (BA); Daniel Almeida (BA); Evando Milhomen (AP); Inácio Arruda (CE); Jamil Murad (SP); Jandira Feghali (RJ); Perpétua Almeida (AC); Renildo Calheiros (PE); Socorre Gomes (PA) e Vanessa Grazziotin (AM)

280 vereadores e 10 prefeitos, reelegendo, ainda, em Olinda, Luciana Santos. Em 2006, Lula se reelege e o PCdoB elege 12 deputados federais eleitos pelo PCdoB¹⁶. E, além disso, devido a sua fidelidade quase irrestrita ao PT, manteve aquele que é o atual ministro dos esportes, Orlando Silva, elegendo ainda, 1 senador, pelo Ceará, Inácio Arruda.

Nesta eleição a grande surpresa é Manuela D'Ávila que foi a deputada federal mais votado no Rio Grande do Sul. Esta deputada, assim como grande parte dos parlamentares do PCdoB, é egresso do movimento estudantil, tornando-se figura de destaque no cenário, principalmente na UNE, principal entidade dirigida pelo PCdoB. Mas, o que difere Manuela dos outros candidatos foi uma forte presença na mídia, esta, cunhada a partir de bordões e frases de efeito, buscando passar uma imagem muito diferente das campanhas tradicionais do PCdoB. E é com esse novo jeito de fazer política que nos ocuparemos a seguir.

5. O PCdoB E SUAS CAMPANHAS PELO BRASIL

Neste item, como exposto anteriormente, nos ocuparemos daquelas candidaturas que fizemos referência no início deste texto. Para em seguida nos ocuparmos do emblemático caso de Manuela D'Ávila e tudo aquilo que ela representa enquanto personagem construído, trabalhado e mitificado. Neste sentido, podemos dizer que os anos 2000 representaram uma verdadeira virada naquilo que o PCdoB era em relação aquilo que ele venho a ser, qual seja, de um partido que se produz na mídia como um produto a ser consumido, deixando de ser um partido de quadros e tornando-se um partido de massa. E, é do modo como essa transformação se fez presente que, através da análise das últimas eleições, buscaremos colocar isso em evidência.

Tal mudança de postura fez com que, afluísse para o PCdoB um bom número de novos militantes, em especial, fazemos referência aqueles que na mídia se faziam presentes já há alguns anos. Dados oficiais contabilizam a

¹⁶ A saber: Aldo Rebelo (SP); Alice Portugal (BA); Chico Lopes (CE); Daniel Almeida (BA); Edmilson Valentin (RJ); Evandro Milhomen (AP); Flávio Dino (MA); Jô Moraes (MG); Manuela D'Ávila (RS); Osmar Júnior (PI); Perpétua Almeida (AC) e Vanessa Grazziotin (AM)

filiação de cerca de mais de uma centena de eminentes figuras televisivas, de pagodeiros e de jogadores de futebol que, no decorrer da última década se fizeram presentes em diversos pleitos. Destaca-se, entre estes, nas eleições de 2008 a figura de Netinho de Paula, famoso cantor e apresentador de televisão que nas eleições para vereador de São Paulo foi o 3º candidato mais votado. Também em 2008, deve-se destacar os resultados obtidos por Jandira Feghali no Rio de Janeiro e por Manuela D'Ávila em Porto Alegre que, apesar de não eleitas para as respectivas prefeituras, demonstram excelente performance, ficando a primeira em 4º lugar no Rio de Janeiro e a segunda em 3º lugar em Porto Alegre.

Já nas eleições proporcionais de 2010, Netinho tenta uma vaga para o Senado, ficando em 3º lugar. Na mesma eleição, o PCdoB de São Paulo lança a figura popular de Leci Brandão, outra eminente sambista, que nunca tinha assumido cargo público e, esta, elege-se sob a bandeira da igualdade racial. Quanto a Manuela D'Ávila, mais uma vez, esta, sagra-se campeã das urnas atingindo a marca de 482.590 votos para deputada federal, sendo a segunda mais votada do Brasil.

5.1. A campanha de Jandira Feghali no Rio de Janeiro e de Luciana Santos em Pernambuco: a vermelha verve do PCdoB

Tidas como candidatas tradicionais e históricas na seara comunista, era de esperar que, ambas concorressem nas eleições pois, possuíam o treino e a verve do partido. Herdeiras do marxismo-leninismo, traziam consigo todo um passado de lutas e reivindicações que faziam referência, em sua maioria, as teses e proposições dos sem número de congressos do PCdoB realizados até então.

Em suas campanhas, destaca-se o forte caráter histórico de sua falas e a consequente amarração que estas fazem entre suas biografias pessoais e a história do partido ao ponto de, em alguns momentos, estas se confundirem-se e/ou fundirem-se. Representantes então da tradição marxista-leninista e de um ethos partidário singular, trazem consigo, ainda, o ideário transformador do

socialismo de esquerda. Sem descolar-se do partido e de seus ideários históricos conjugam em suas propostas de governo questões ligadas a macro-política nacional que são colocadas em voga no momento de pensar as demandas locais.

Isto se expressa no modo como tanto Jandira Feghali quanto Luciana Santos conjugam no plano local a macro-política nacional através de sua readequação ao contexto local sem, nunca, perder de vista o diálogo com a seção nacional do partido. Exemplo disto é o modo como estas se apresentam em suas campanhas, onde, a história nacional e do partido é evocada a toda hora como forma de lhe conferir certa legitimidade e autoridade política, uma vez que, não apenas falam daquilo que os outros falam, mas sim daquilo que viveram. Algo que, no plano do imaginário e do modo como sua campanha está pensada visa fornecer a estas lugar de destaque na seara política pois, para além daquilo que os mais velhos contam sobre o tempo que passou, elas, são a memória viva, da história de si e do partido. Esta no mundo, aquela que será a mãe desta quimera que, mais tarde, tornar-se-á o PCdoB.

5.2. A campanha de Netinho de Paula e Leci Brandão em São Paulo: a música que embalou o PCdoB

Já conhecidos na mídia, tanto Netinho de Paula quanto Leci Brandão, chegam ao PCdoB como detentores de certo capital cultural e midiático que buscam transferir para o campo político. Alia-se a isto, a crescente flexibilização doutrinária que a partir da construção da chamada Frente Popular fez-se presente na estratégia política do PCdoB já deste o início dos anos de 1990.

Isto posto e no caminho oposto daquele seguido por Jandira Feghali e Luciana Santos, tanto Netinho como Leci, são candidatos que não reivindicam para si a história e nem mesmo qualquer ideário marxista-leninista. E, inversamente ao que acontecesse com as duas mulheres que disputaram as prefeituras do Rio de Janeiro e de Olinda, é o PCdoB que busca com eles fazer história através da ampliação de seus coeficientes eleitorais e da galvanização de um novo modo de fazer política.

Chega ao interior da seara comunista a televisão, o rádio, as redes sociais, os grandes shows e a busca de um público eleitoral que em relação ao PCdoB tinha resistências. Neste novo contexto, pouco interessa o conhecimento histórico da doutrina, tão habitual ao partido de quadros e o PCdoB se abre, se coloca na mídia, reestrutura-se e parte para uma nova lógica e estratégia política que têm como mote vender o sonho socialista em nova embalagem. Se antes, era preciso crescer no interior do partido para depois ascender como liderança reconhecida dentro da hierarquia partidária (MICHELLS, 1960), hoje, isso não se faz mais necessário pois, o candidato têm seu passe medido pelo seu potencial eleitoral e por aquilo que ele traz de votos para o partido. Vêm ao mundo aquele que será o pai desta quimera que tornar-se-á o PCdoB.

5.3. A campanha de Manuela D'Ávila no Rio Grande do Sul: das gírias de menina à maturidade do discurso do PCdoB

No que se refere a trajetória eleitoral de Manuela D'Ávila e das sucessivas aparições dela nos últimos pleitos eleitorais observa-se que ao longo de pelo menos 8 anos está em curso a formação da imagem que ela hoje carrega. Herdeira da história do partido e usuária convicta das mídias como forma de promoção de si e do partido que lhe fornece a legenda desde tempos outros, Manuela representa, como ela mesmo diz o novo.

Neste sentido, além se suas campanhas serem um auto de sua trajetória pessoal, essa, sobreescreve-se a história do partido e vai além, sua figura mitifica-se. Manuela, em muitos spots eleitorais é trazida como aquela que estava predestinada, como aquela que traz consigo o caminho da vitória. Aquém disso, fica, portanto, a história e o legado do partido de modo que, ao invés de falar-se de uma nova intentona comunista, Manuela traz em sua campanha o amor como a temática norteadora. O que a coloca em evidência, não mais como coadjuvante do partido e de uma bandeira de luta, e sim, como protagonista, como alguém que traz consigo o partido e não mais é, por ele, conduzida.

Ao evocar a temática do amor, da beleza, da juventude, Manuela, traz em sua bagagem o sucesso obtido pelas campanhas do “Lulinha paz e amor” e da

“Dilma Mãe do Brasil”. Ainda não detentora de idade suficiente que lhe confira a experiência do ex-presidente, nem a posição austera daquela que hoje, em 2012, governa o Brasil, Manuela, ao seu modo, consolida-se como quimera que têm a possibilidade de conduzir o PCdoB ao poder. Esta, então, marcada pelo ferro quente da história que no presente brilha diante dos holofotes que, outrora, a deixaram de lado, como é o caso, por exemplo de sua primeira eleição para vereadora em 2004.

Considerações finais

Do exposto, importa destacar a guisa de uma breve conclusão que, nas últimas eleições, entre os candidatos do PCdoB, se fizeram presentes pelo menos três tipos ideais e/ou modelos de colocar-se na mídia entre os proponentes a cargos eletivos.

O primeiro deles que emerge da seara comunista e se consagra nas urnas com a vitória de Luciana Santos e Jandira Feghali, as quais, sem abrir mão do legado do marxismo-leninismo e conseqüentemente de suas bandeiras de luta assumem chegam bem próximos da vitória no Rio de Janeiro e/ou assumem a prefeitura de Olinda, como é caso de Luciana Santos.

O segundo que, traz para o interior do PCdoB a poder dos *media* e a necessidade de, para obter-se bons resultados eleitorais, flexibilizar-se em sua doutrina e ideário. É quando, este deixa de lado o marxismo-leninismo e a história, e tenta no presente, reescrever-se a si próprio e sua própria história através da conquista de novos espaços dantes imaginados. Sua aposta é, sem sombra de dúvida a transferência de capital cultural que, no interior do partido e através de candidaturas midiáticas, é convertido em novos quadros e votos que, desconhecedores do ideário e da história do partido, consomem e propagam o comunismo sem muito saber o que ele realmente é e representa enquanto ideário a ser atingido. É o caso, por exemplo, de Netinho de Paula e Leci Brandão em São Paulo que, além de elegerem-se, trouxeram para o partido um bom número de outras personalidades midiáticas que aderiram a sua campanha.

E por fim, temos Manuela D'Ávila que, em sua trajetória alia o melhor dos dois mundos: o poder dos *media* e a história do PCdoB sendo que, a sua própria história, a sua própria biografia, sobrepõem-se a parca estrutura organizacional do partido. Ou seja, utiliza-se do partido enquanto veículo condutor para suas aspirações políticas sendo, o mesmo, alcançado através do seu próprio poder mediático, alcançado através de seu carisma e bem uma elaborada campanha.

As cartas estão na mesa, as apostas foram feitas, e serão as urnas que no dia 15 de outubro mostrarão quais foram e/ou serão as estratégias vencedoras.

Referências

BRAGA, Maria do Socorro Souza. **Organizações Partidárias e Seleção de Candidatos no estado de São Paulo**. Opinião Pública (UNICAMP. Impresso), v. 14, p. 454-486, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARONE, Edgar. **O P.C.B (1943-1964) Volume II**. São Paulo: Ed. Difel, 1982.

CHILCOTE, Ronald H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.

FIGUEIREDO, César Alessandro S. **A relação dos PC's com o MDB-PMDB no cenário da transição e as eleições de 1982 no RS**. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas. UFRGS. 2009.

FIGUEIREDO, Argelina & LIMONGI, Fernando. **Executivo e legislativo na nova ordem constitucional**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas. A esquerda brasileira: Das ilusões perdidas à Luta Armada**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

JOHNSTONE, Monty. Um instrumento político de tipo novo: o partido Leninista de vanguarda. In.: **História do marxismo**. Vol. VI. O Marxismo na época da terceira internacional: Da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. (Org.) HOBBSAWM, Eric. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KIRCHHEIMER, Otto: "El camino hacia el partido de todo el mundo". LENK, Kurt – NEUMAN, Franz (eds.), **Teoría y Sociología críticas de los partidos políticos**, Editorial Anagrama: Barcelona, 1980.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy. Towards a Radical Democratic Politics.** London/New York: Verso, 1985.

LENIN, Vladimir Ilitch. Que Fazer? In.: **Obras Escolhidas.** Vol. I São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

_____, Vladimir Ilitch. Duas táticas da social democracia. In.: **Estratégia e Tática.** São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1989

LIMA, Haroldo. **Itinerário de lutas do Partido Comunista do Brasil: PCdoB.** Salvador: Ed. Maria Quitéria, 1985.

MAINWARING, Scott. **Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil.** Porto Alegre. Mercado Aberto/Rio de Janeiro:FGV. 2001.

MARENCO DOS SANTOS, André. **Sedimentação de Lealdades Partidárias no Brasil: Tendências e Descompasso.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 69-83, 2001.

MEIRELLES, Mauro. “Nem sempre as coisas foram assim: ou dos (des)encantamentos do campo político e religioso frente as eleições de 2006. IN: *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 7, n. 10, p. 51-64, jul./dez. 2006.

MICHELS, Robert. **Os partidos políticos.** São Paulo: Senzala, 1960.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e companheiros: memória e história do PCB.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

SALES, Jean Rodrigues. **Partido Comunista do Brasil – PCdoB: proposta teórica e prática política – 1962 – 1976.** Dissertação de Mestrado em História. UNICAMP. 2000.

SILVA, Antonio Ozaí da. **História das tendências no Brasil: origens, cisões e propostas.** 2 Edição (revisada e ampliada). São Paulo: Proposta Editorial, s/d.

SOUZA, Deusa Maria de. Caminhos Cruzados: **Trajetória e desaparecimento de quatro gaúchos no Araguaia**. Dissertação de Mestrado em história. UNISINOS, 2006.

Sites acessados na Internet

<http://www2.camara.gov.br/>

<http://www.tse.jus.br/>

<http://www.tre-sp.gov.br/>

<http://www.tre-rs.gov.br/>

Documentos partidários acessados na Internet

CARVALHO. 1988. PC do B vence com destaque. A classe operária, São Paulo, nº 8.

Jornal Classe Operária, 12 de Outubro de 1992, p. 9.

Revista Princípios Nov/Dez/Jan 2001, nº59, p. 15

Revista Princípios, 2002/2003, p. 6

DOCUMENTOS HISTÓRICOS PCdoB, 1966. União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista